

Palavra da Presidente

P. 02

Tratamento Psicanalítico: Por quê?

P. 03

Revista de Psicanálise

P. 04

Homenagem a Sérgio Annes

P. 04

Infância e Adolescência

P. 05

Associação de Candidatos

P. 05

A Ilusão da Eterna Juventude

P. 06 e 07

Psicanálise e Educação

P. 08

Site em versão bilíngue

P. 08

Relações com a comunidade

P. 09

Grupos do Interior

P. 09

Super-Heróis Revisitados

P. 10

Sobre correspondências e elaborações

P. 11

Atividades Científicas

P. 12



INFINITO & FINITUDE



Anette Blaya Luz*

Finitude, a infinita dor

“A ideia de finitude e morte atravessa a existência de todo o ser humano. Mesmo antes de poder pensar, o instinto de sobrevivência nos obriga a respirar para fugir à morte. Tão logo o indivíduo possa pensar, defronta-se com a inevitabilidade da condição de finito. Mas como pensar algo tão inexorável e devastador para o self como simbolizar sua própria morte. Impossível? Saber conviver com essa verdade sem se deixar enlouquecer por ela é condição sine qua non para uma vida tranquila.”

A finitude do homem, seu pavor da morte o obriga a criar defesas para que possa suportar a enormidade da vida e sua pequenez frente a esse dilema: viver a vida plenamente e, ao mesmo tempo, saber que a morte o espera logo adiante e a qualquer momento. Certeza do fim e incerteza do quando. Tarefa difícil, mas fundamental.

O bebê no colo de sua mãe e apoiado por ela, por seu *révèrie* e *holding*, encontra os meios para sobreviver e driblar sua condição de vulnerável. Essa libidinização da relação mãe-bebê funda as bases da personalidade e as condições para a vida futura. Condições essas onde estão incluídas as formas de se defender das dores da existência. Dentre essas dores, a finitude ocupa lugar de destaque. Como defender-se, então? Aqui o paradoxo, tão essencial na obra de Winnicott, nos auxilia mais uma vez. Saber e não saber ao mesmo tempo. Saber a verdade da mortalidade para poder se cuidar e não correr riscos que coloquem a integridade física e mental em jogo; e não saber para poder dar conta das demais tarefas do existir humano. Há um quê de saúde, o defender-se, e de “loucura saudável”, o negar a finitude no viver de cada humano.

Para conviver com a idéia de mortalidade e finitude a humanidade pode contar com defesas importantes que ajudam a mitigar esse sofrimento e não permitem que ele ameace o prazer de desfrutar da vida. Defesas necessárias cujo fracasso ou excesso podem acarretar problemas importantes.

O narcisismo humano tem valor especial e particular nesse quesito: desfrutar a vida. Estamos falando aqui do narcisismo saudável, que autoriza a humanidade a “esquecer” temporariamente que existe um prazo de validade inscrito no DNA de cada um de nós. E que, além disso, somos frágeis e vulneráveis. Não somos imortais como sonhamos ser muitas vezes.

A sustentabilidade do *humano* internamente depende, em parte, do equilíbrio entre esses dois aspectos do paradoxo: saber e não saber sobre a mortalidade. E a sustentabilidade do humano externamente à sua psique? Assim como sonhamos com nossa imortalidade, da mesma forma sonhamos com a imortalidade, ou seja, a inesgotabilidade dos recursos naturais, essenciais à sobrevivência do homem no planeta. O mesmo narcisismo que

nos impulsiona à vida pode nos destruir se for em demasia. Precisamos refletir a respeito de uma abordagem ética da proteção ambiental. A sobrevivência *no* Planeta Terra e *do* Planeta Terra está ameaçada pela contínua exploração que o homem faz de seu meio ambiente. A destruição da natureza e das reservas naturais está relacionada à ignorância, voracidade e desconsideração para com os seres vivos de um modo geral. Esta falta de consideração tem consequências transgeracionais, não havendo preocupação com o que será deixado para as futuras gerações, que herdarão um planeta degradado e devastado. A Terra sempre foi vista pelas gerações que nos antecederam como sendo uma fonte inesgotável de riquezas. Sabemos hoje que isto não é verdade.

Quais seriam os motivos que levariam a humanidade a seguir funcionando como se este problema não existisse, em que pese às inúmeras situações que estamos testemunhando e que evidenciam a velocidade e a força da destruição que estamos produzindo em nosso habitat, nosso Planeta Terra?

Há uma nítida diferença entre o gesto de extrair da natureza o meio de sustento para a sobrevivência, o saciar a fome, e a devastação do planeta para obter um acúmulo cada vez maior de riqueza e poder, o sucumbir à voracidade. A quase totalidade dos animais busca seu sustento na natureza sem, no entanto, retirar mais do que precisa. O homem faz diferente.

Provavelmente agimos assim porque somos guiados, neste quesito, pelo Princípio do Prazer muito mais do que pelo Princípio da Realidade. Negamos a ameaça de morte que paira sobre o Planeta, da mesma forma que fazemos com a nossa própria. Confundimos assim nossa fome com nossa voracidade. Nossa necessidade de comer com nosso desejo de possuir. Como se esse poder nos livrasse da morte.

Vinicius de Moraes, nosso saudoso poetinha, cuja morte marca sua finitude e cuja obra atesta sua imortalidade, já nos brindava com sua poesia infinitamente linda e sempre viva, eterna. No poema *Sonetos de Amor* descreveu, enquanto falava de Amor, outro aspecto do paradoxo em que estamos mergulhados:

“Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure.”

Sabemos que nossas vidas são finitas, mas as vivemos como se fossem infinitas. A exemplo do *Amor* cantado em verso e prosa por Vinicius, nossa vida também é chama. E, da mesma forma que propõe o poema, seria bom se fosse vivida e aproveitada na infinitude possível.

Cabe a nós psicanalistas contribuir para que essa negociação com a consciência da morte e da finitude não desbote o colorido da vida.

* Presidente da SPPA

Expediente

PRESIDENTE

Anette Blaya Luz

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Regina Pereira Klarmann

DIRETOR FINANCEIRO

Emílio Salle

DIRETORA CIENTÍFICA

Maria Elisabeth Ciment

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Ivan Sérgio Cunha Fetter

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Maria Cristina Garcia Vasconcellos

DIRETORA DO NÚCLEO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Maria Lucrécia Zavaschi

DIRETORA DO INSTITUTO

Viviane Sprinz Mondrzak

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (*Coordenador*)

Eneida Maria Fleck Suarez

Eliane Goldstein

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Sousa

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802

Porto Alegre/RS - 90010-210

(51) 3224-3340

www.sppa.org.br | comunicacao@sppa.org.br

Tratamento psicanalítico: por quê?

Viver de modo satisfatório e gratificante não é tarefa fácil. O ser humano tem, constantemente, que enfrentar obstáculos, suplantar desafios, e buscar soluções para problemas inerentes à própria vida, e não o faz sem algum sofrimento.

Conflito e ansiedade estão sempre presentes em sua trajetória e acrescenta-se a isso o fato de fazer parte da existência humana conviver com paradoxos. Lados contraditórios, dentro e fora de si, expõem o indivíduo a sentimentos de dúvida e insegurança. Inevitavelmente, o sujeito sente-se dividido entre o individual e o social, entre o interno e o externo, entre a realidade e a fantasia e entre o racional e o emocional, entre tantos outros aspectos, vivendo em constante luta para equacionar esses opostos.

O jeito de ser do indivíduo, sua personalidade, seu modo de pensar, seu comportamento, estão relacionados à forma de lidar com os desafios que fazem parte da vida, dentre eles, as contradições.

A complexidade dos arranjos feitos entre o pensamento lógico, racional e as forças mentais inconscientes, ligadas à história infantil e às vivências do sujeito, muitas vezes levam o indivíduo a modos de compreender a vida e de encontrar soluções que podem gerar muito sofrimento.

Muitas pessoas buscam ajuda ao vivenciarem sintomas como fobias, crises de ansiedade e pânico, comportamento compulsivo, conflitos familiares, dificuldades nos relacionamentos afetivos, depressão, entre outros. Mas, muitas vezes, o mal estar não é identificado tão claramente. O sujeito sofre, sem saber o porquê.

Sabe-se que o sofrimento emocional pode acarretar prejuízos significativos no âmbito pessoal, interpessoal e profissional. O tratamento psicanalítico, em sintonia com as dificuldades do ser humano, tem como objetivo possibilitar uma ampliação da capacidade de pensar sobre si mesmo e de se relacionar com os outros. Possibilitar, também, a identificação de padrões repetitivos de comportamento que não favorecem para o bem-estar do indivíduo.

Na análise, através da relação de confiança com o psicanalista, e com a disponibilidade de um espaço livre para pensar, o sujeito é auxiliado a identificar suas características pessoais, entrando em contato com sua história, com sentimentos mais profundos, levando-o a refletir sobre suas escolhas e atitudes. Ao longo do tratamento, o trabalho realizado pela dupla,

paciente e psicanalista, vai fortalecendo o senso de identidade do paciente. Conquista que não é alcançada a curto prazo, ao contrário, consiste em um longo processo, mas que possibilitará ao paciente alcançar maior autonomia e senso de segurança, capaz de levá-lo a criar soluções mais saudáveis para seus conflitos e, com isso, melhor qualidade de vida.

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), sensível às necessidades emocionais das pessoas, foi fundado em 1994 para oferecer tratamento psicanalítico nos consultórios dos analistas da SPPA, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade que não dispõem de recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento.

O tratamento é realizado com frequência de três a quatro sessões semanais. Durante o período de avaliação, cada sessão terá o custo de R\$ 50,00, as demais serão combinadas diretamente com cada psicanalista.

Para informações e inscrições, entrar em contato com a secretária Margareth, de segunda a sexta-feira, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, pelo telefone (51) 332-43340, a partir das 14h ou pelo e-mail: instituto@sppa.org.br.



Fotografia de Felipe Sacco Richter

Bion por GIUSEPPE CIVITARESE na SPPA
Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana - SPI

20, 21 e 22 de agosto de 2015

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Inscrição e local do evento
SPPA, (51) 3224.3340
Rua Gen. Andrade Neves, 14/4º andar
www.sppa.org.br

Investimento
R\$ 180,00 - Profissionais
R\$ 90,00 - Estudantes de Graduação
Fornecemos Certificados - Vagas Limitadas



PORTAS ABERTAS NA SPPA

Estudantes de Psicologia e Psiquiatria,
venham conhecer a SPPA

Agendamento de visitas e
informações pelo e-mail:
comunicacao@sppa.org.br
Fone: (51)3224.3340

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association



Tula Bisol Brum*

Revista de Psicanálise muda o comando

A notícia desta que da Revista neste momento é a transição de editoria realizada no final de abril deste ano. Aproveite este espaço do Jornal, que divulga acontecimentos nas várias áreas da SPPA, para me despedir da função de editora, a qual exerci com muita satisfação por quatro anos, desde abril de 2011, após dez anos de trabalho na comissão editorial, parte como editora de entrevistas e da Feira do Livro e, outra parte, como editora de redação.

Minha sucessora, a colega Lúcia Thaler, também tem uma longa trajetória de dedicação à Revista, o que lhe confere plenas condições e competência para dar continuidade ao trabalho editorial, necessário para manter a qualificação da nossa Revista. Desejo a ela e à comissão editorial sucesso na nova gestão.

Quer assinar a revista?

ASSINATURA ANUAL:
(3 números + versão digital): R\$ 130,00

NÚMEROS AVULSOS: R\$ 50,00
CONSULTE ARTIGOS/AUTORES NO SITE
<http://revista.sppa.org.br>

FORMAS DE PAGAMENTO

DEPÓSITO/TRANSFERÊNCIA
SANTANDER – BANCO 033 - AGÊNCIA 1480
CONTA CORRENTE 13000656-2

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
CNPJ: 92.911.304/0003-90
Solicitamos o envio do comprovante de depósito por um dos meios:

E-mail: revista@sppa.org.br
Fax: (51) 3224-3340

SPPA
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
90010-210 - Porto Alegre, RS

Como escrevi no editorial do último número, publicado 01/2015, foram muitos anos de intenso trabalho e convívio com vários colegas dentro e fora da comissão editorial o que me oportunizou um belo aprendizado na psicanálise e na vida. Saio abastecida de conhecimentos e afetos. Levo comigo o sentimento de realização pela tarefa cumprida no que pude contribuir para manter a qualificação da Revista e assim dar continuidade ao trabalho realizado pelos colegas que me antecede-

ram. Sou grata a todos que de alguma forma compartilharam comigo com dedicação e competência esta rica e complexa experiência de trabalho para publicar uma revista. Meu especial agradecimento às diretorias que me deram a oportunidade e me apoiaram na gestão de Ingeborg Bornholdt, Viviane Sprinz Mondrzak e Anette Blaya Luz. Agradeço o incentivo e a confiança depositada. Cabe salientar, também, um agradecimento aos colegas que prestigiam a Revista e enviam seus artigos para publicação.

Acredito que mudanças são necessárias e bem-vindas para manter a nossa saúde e a vitalidade, assim como dos grupos dentro das instituições.

Esta transição foi tranquila, planejada, e realizada de maneira que o trabalho na comissão editorial pudesse fluir normalmente para dar conta da grande demanda do trabalho que habitualmente chega na Revista.

No momento, está em processo a editoração do próximo número temático 02/2015, o qual abordará Casos de Freud Revisitados.

Para dezembro está prevista a publicação do número também temático, 03/2015, sobre Realidade e Ficção.

Recentemente anunciamos no Boletim um convite aos colegas para enviarem trabalhos para os números temáticos de 2016, que versarão sobre Campo Analítico e Corpo.

Por fim, anuncio também com satisfação que segue em andamento o intercâmbio de publicações entre a SPPA e a Sociedade Psicanalítica Portuguesa (SPP). Atendendo a solicitação do colega Rui Aragão Oliveira, enviamos trabalhos sobre adolescência. A comissão editorial, por votação, indicou o trabalho "Caminhos e descaminhos da juventude atual: desafios para um analista de adolescentes" de Viviane Sprinz Mondrzak. Além desse, solicitaram autorização para publicar o artigo "O analista, seu paciente adolescente e a psicanálise atual: sete reflexões", de Roosevelt Cassorla. Da mesma forma, enviaram várias sugestões de artigos que estão sendo analisadas pela comissão editorial para incluímos nas nossas publicações.

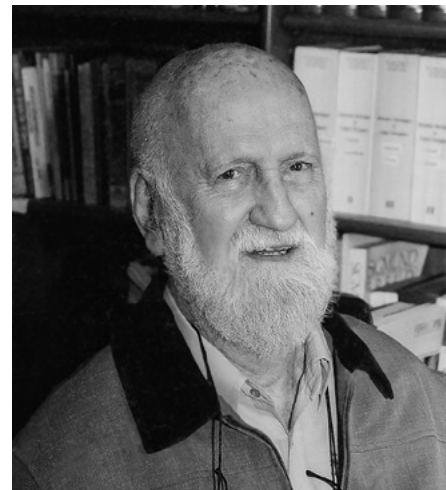
Tula Bisol Brum - Psicanalista. Membro Associado da SPPA

Homenagem

SPPA inaugura sala Sérgio Annes

A diretoria da SPPA organizou uma cerimônia para homenagear a memória do Dr. Sérgio Paulo Annes, dando seu nome para uma sala de seminários no 15º andar da SPPA. O evento ocorreu no dia 28 de maio, com a presença de colegas e familiares do homenageado. A presidente da entidade, Dra. Anette Blaya Luz, e o Dr. Luiz Carlos Mabilde ressaltaram a trajetória e importância de Sérgio Annes como membro fundador da SPPA. Ele participou da 1ª turma do "Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre", em 1959, e, a partir de 1963, quando o

Centro tornou-se reconhecido como sociedade pela IPA (Associação Psicanalítica Internacional), ele foi presença atuante, na análise de candidatos e como professor do Instituto.



Atividades do NIA em destaque

O Núcleo da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre iniciou o ano de 2015 em março, na quarta-feira clínica, em que se estudou e discutiu as histórias em quadrinhos e sua importância para crianças e adolescentes. O psicanalista Paulo Berél Sukiennik introduziu o tema lembrando a letra poética de uma música de Jim Morrison na qual este autor fala sobre histórias como fios, que são criados para dar sentido à vida, unindo um estado anterior com o atual. Sublinha que o herói é a razão para a existência da história. Aponta que as histórias em quadrinhos são contribuições para o desenvolvimento mental das crianças, num espaço mental intermediário, lembrando Winnicott, nem externo nem interno, que permite à criança vincular-se à realidade.

A psiquiatra Liliana Soibelman apresentou suas ideias embasadas no mito do herói, a partir das histórias em quadrinhos, abordando típicas fantasias infantis. O teor da apresentação está



Encontro de Observação da Relação Mãe-Bebê – método Bick contou com a participação de Nilde Parada Franch (centro), da SBPSP

registrado no artigo da página 10 dessa edição, sob o título “Super-Heróis revisitados”. Confira!

Já a atividade da reunião clínica da última quarta-feira de abril foi preparatória para o XVII Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência junto com o III Encontro de Observação da Relação Mãe-Bebê – método

Bick, realizado entre 21 e 23 de maio. O tema do simpósio foi Criatividade e Simbolização: Funções Estruturantes no bebê, na criança e no adolescente, com a participação de Victor Guerra, da Associação Psicanalítica do Uruguai e Nilde Parada Franch, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Associação de Candidatos

AC incentiva a produção de candidatos em formação

Mantendo a tradição, as atividades da Associação de Candidatos, AC, iniciaram-se em março deste ano com o IX Simpósio Integrado AC/Instituto - SPPA, realizado em parceria com o Instituto da SPPA.

Além de oportunizar a apresentação de trabalhos anuais de membros aspirantes e comentários de outros colegas da SPPA, este evento propicia agradáveis momentos de confraternização com expressivo número de membros da Sociedade e brinda, em especial, a recepção dos colegas que ingressam no Instituto.

A VII Videoconferência da IPSO na América Latina, Brasil-Chile, ocorreu no mês de abril e contou com Javier Ravinet (APCH - Chile), psicanalista chileno que apresentou um caso clínico, comentado pelos colegas brasileiros Daniela Prieto (SPBSB) e Leonardo Siqueira (GEPMG), com a participação especial de Roosevelt Cassorla (SBPSP e GEPCampinas), contribuindo com entendimento técnico e teórico que enriqueceu e aprofundou a discussão. Esta atividade ainda contemplou um debate virtual entre os demais oito representantes de Associações de Candidatos, dentre elas, a diretoria da ACSPPA.

Em junho ocorreu o Encontro ABC Sul, uma parceria entre os Institutos de Psicanálise e Associações de Candidatos do Rio Grande do Sul - SPPA, a SBPdePA e SPPel e a ABC - Associação Brasileira de Candidatos. Este evento teve como tema “A formação em expansão”. As reflexões se deram em torno da identidade analítica e o quarto vértice da formação - a inserção Institucional - discutiu-se sobre atividades como o VCP (Visiting Candidate Program) e a importância da escrita de trabalhos e de outras vias de expressão dentro da formação. A atividade contou com a participação dos colegas do RS, e de São Paulo e com a presença da diretoria da ABC.



Outra atividade, ocorrida em julho em parceria com o Instituto, foi a tradicional “Oficina de escrita psicanalítica”, ministrada pelo analista didata e escritor Juarez Guedes Cruz, com intuito de estimular o processo criativo e produção de trabalhos científicos dos candidatos em formação.

Também neste primeiro semestre aconteceu a escrita de trabalhos científicos, versando sobre o tema

proposto pelo XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, que ocorrerá em outubro deste ano. Estes são produzidos por membros aspirantes, egressos e graduados da SPPA que trabalham conjuntamente e sob coordenação da diretoria da AC. Esta escrita ocorre anualmente após o término dos seminários teóricos e está sempre voltada aos temas propostos pelos grandes congressos anuais nacionais ou internacionais.

A ilusão da eterna juventude

Paulo Berél Sukiennik*

O tema do Infinito versus Finitude do ser humano, do planeta, da vida, abre também infinitas reflexões. O breve painel aqui apresentado visa chamar a atenção ao perigo da ilusão e da distorção a que podemos estar vivendo em relação ao necessário reconhecimento da passagem do tempo na contemporaneidade. Foram utilizados cinco filmes que serão citados abaixo para ilustrar as questões.

Melanie Klein, em seu trabalho sobre a solidão, descreve-nos uma ânsia onipresente por um estado interno perfeito e inalcançável. De certa forma, Bion nos lembra de que todos estamos exilados em nós mesmos. Pode instalar-se, então, uma área de ilusão do eterno, que, de fato, está a serviço do trabalho do negativo descrito por Green.

No filme Horizonte Perdido, baseado no livro de James Hilton, um grupo de pessoas acaba encontrando uma cidade perdida, após a queda de um avião no Himalaia. O lugar é o paraíso atemporal chamado Shangri-Lá, onde ninguém envelhecia ou ficava doente. Eram eternamente jovens. Entretanto, alguns dos sobreviventes, após conviverem neste espaço narcísico, decidem retornar ao tempo real enfrentando o rigoroso princípio da realidade. O personagem principal abre mão de sua paixão por uma habitante, enquanto seu irmão insiste em levar outra mulher local apesar da proibição de saírem de lá. O processo acelerado de envelhecimento dela é colocado a termo, destruindo a ilusão da eterna juventude de ambos, sendo ele mesmo consumido pela pulsão autodestrutiva.

O filme O Retrato de Dorian Gray, da obra de Oscar Wilde, ilustra a obsessão de um jovem pela eterna juventude. Depois de ver a sua imagem pintada, impressionado com a sua própria beleza e receoso de que o tempo passe, Dorian faz um pacto com o Diabo: que a sua imagem permaneça para sempre intacta como a do quadro. Contudo, seu fim também é trágico ao negar a passagem do tempo.

O filme O Estranho Caso de Benjamin Button, baseado no livro de Scott Fitzgerald, relata a história de um relojoeiro que, desolado com a morte do filho, constrói um relógio cujos ponteiros caminham no sentido contrário, determinando o insólito percurso de vida de Benjamin, que nasce velho e vai rejuvenescendo. Ao terminar a vida como um bebê, Benjamin simboliza a força tanto de Eros dando vida longa e saúde progressiva ao personagem, como do destino organizado por Tánatos já que seu relógio biológico não era diferente dos demais.

No filme Fome de Viver, o personagem que foi vampirizado tem sua vida extremamente prolongada. Mas há um revés depois de séculos e esbarra num limite natural que o aproxima dos humanos e envelhece subitamente. O personagem vivido por David Bowie está a poucos dias de enfrentar sua sina. É como se o prolongamento da juventude levasse subitamente a um envelhecimento que não respeita o tempo tampouco. E tornam-se "mortos-vivos", coagulando a temporalidade como escreveu Green.

Freud postulou que a temporalidade do inconsciente contestava a temporalidade linear cronológica que invadia a consciência. Em nossos consultórios temos que lidar de alguma forma, com essa área "sangrialesca" onde a passagem do tempo será combatida de inúmeras formas pelos nossos pacientes.



Paulo Berél Sukiennik

A ilusão, contudo, torna-se sem valor, quando nos impede de utilizar a passagem do tempo como fator de crescimento interno.

Desde os primeiros escritos, há, na obra freudiana, um tempo passada que insiste no presente. Duplas inscrições, várias camadas, traumas, cena primária, fantasias, reminiscências das históricas, o "fora do tempo" da pulsão, o retorno do reprimido, o apressado, a compulsão à repetição, o caleidoscópio dos sonhos com sua confusão cronológica e a reedição transferencial são algumas das elaborações que estabelecem a presença de um elemento da história que se repete desconsiderando a passagem cronológica do tempo.

A despeito do tempo que flui, há algo que não se movimenta que permanece fixo e se atualiza nos sintomas, nos sonhos, nos atos falhos e no chiste. A presença do inconsciente exige a reconsideração da dimensão temporal, e a criação de um espaço com o seu tempo e suas marcas.

O nosso inconsciente é tão inacessível à representação da morte própria, como nos demonstrou Freud que, em certas circuns-

tâncias, obriga-nos novamente, segundo ele, a sermos sujeitos iludidos com a juventude eterna já que não é possível acreditar no próprio fim. A ilusão, contudo, torna-se sem valor, quando nos impede de utilizar a passagem do tempo como fator de crescimento interno. Como Freud (1915) colocou: "Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte".

Salésio (2006) coloca que, na clínica, situações em que os pacientes não separam memória de temporalidade, a relação é vivida concretamente, sem separação de tempo entre o conteúdo do rememorado e a relação transferida no presente. As sessões parecem desenvolver-se em um presente muito pesado e pouco significativo. A relação carece de sentido e de representação

Há pacientes que a situação transferencial nos revela aquela sensação que a poesia de Vinicius de Moraes nos descreve: aquela sensação de que o céu está parado,

*Psicanalista. Membro Associado da SPPA

e não conta nenhum segredo; que estrada está parada, e não leva a nenhum lugar. “A areia do tempo escorre de entre meus dedos”, diz o poeta.

Green (2002) nos alerta que, na compulsão a repetição, há uma fantasia louca que diz que é possível parar a marcha do tempo. Alguns dos nossos pacientes efetuam o que Green chamou de “assassinato do tempo”. Esperam sem fim o retorno do mesmo tempo. Não reconhecem o tempo até entrar em contato com o processo analítico. Se o tempo não é reconhecido, não há criação, não há transformação. Os pacientes podem sofrer do antitempo onde tudo deve voltar ao ponto do qual partiu. Os conflitos não são elaborados e superados. Não há atualizações. Nada de novo pode aparecer. Neste estado de destrutividade, a representação dos objetos e os processos temporais que lhe são aderidos são destruídos, resultando num tempo petrificado. Há um congelamento da experiência temporal onde são negadas as fantasias relacionadas com isto. O trabalho da análise deve ser o de romper o antitempo que se impõe na situação transferência-contratransferência.

Institui-se, então, em nível da falha básica segundo Balint (1979), uma espécie de hibernação em que o objeto estava sendo observado no frio, o que cria um amor gelado que só pode ser amor em mínimas condições de temperatura psíquica, vindo a desmanchar-se feito gelo ao sol, quando exposto à luz da vida do tempo.

Devemos instituir o “começar de novo”, ou *new beginning*, descrito por Balint (1979), que busca novos esquemas na busca objetual, uma vez que o paciente do antitempo pode ter uma “cicatriz que não dói”.

O processo com esses pacientes que congelam o tempo é lento no sentido de transformar a comunicação de sensações corporais em processos mentais. Nesse caminho, somos um pouco como Cristóvão Colombo, o qual, obstinado em encontrar o caminho para as Índias, tropeçou, como que por acaso, em um novo Continente, segundo McDougall (1994).

Esta ilusão temporal pode também pode ser o representante do medo do colapso descrito por Winnicott (1963). O colapso descreve o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva, e diz respeito a um colapso do estabelecimento do self unitário. Ou seja, o ego organiza defesas contra o colapso da organização do ego, e essa organização é ameaçada (Winnicott, 1963). É um medo de algo que já aconteceu, que já foi experienciado. Nesse caminho, é preciso fazer nascer a “dor” no lugar do

impensado, segundo Winnicott (1963). A dor do registro do tempo.

Nosek (2009) coloca que nossa tarefa, como analistas, é, a partir de memórias desfeitas, possibilitar a existência do traumático na vida do paciente. Nesse momento, o traumático e o infinito se apresentarão como par conceitual e par clínico. É no infinito do paciente, no traumático necessário do reconhecimento da passagem do tempo, é que devemos navegar.

Buscamos como analistas com nossa subjetividade, uma via onírica com o paciente do antitempo. Tentamos acolher seu recolhimento, trabalhando no limite da construção do espírito. Tentamos mergulhar com ele no seu medo de não ser, no seu medo de crescer e de não crescer. A análise busca sua música, suas imagens, seu choro. Sua genitalidade deve ser recebida, ou nascida. Seu canto, sua dor, sua tirania devem ser investigados, explorados. Suas possibilidades não vividas devem ser sonhadas. É preciso lidar com suas falsas soluções ou acompanhar sua vontade de mudar de ideia.



A ilusão da eterna juventude cria um flerte com a vida, entre sua busca por viver e uma aparente indiferença. A análise deve acolher o ritmo do paciente e tenta diminuir as distâncias espaço- temporais entre as mentes do paciente e do analista, instituindo o tempo de Eros, e combatendo sua falsa juventude narcísica. Um tempo que não passa, que não se move, que não cria, que não aprende, que não liga os tempos da vida.

O processo analítico cumprirá, então, sua árdua tarefa de “atravessar o abismo” solitário como coloca Balint que separa o adulto no analista da criança no paciente.

O parar o tempo cria a sensação de que não há nada a fazer, assim como os dois personagens centrais da peça “Esperando Godot” de Beckett (1956). Dois personagens que não conseguem se responsabilizar pelas rédeas

do próprio destino. Duas pessoas que decidem esperar. A angústia da espera criando o vazio. O processo analítico deve tentar mudar a qualidade da espera do paciente produzindo uma espera mais ativa, uma espera mais viva: a espera organizada por Eros.

Altera-se, portanto, o sentido do antitempo, permitindo que o movimento inconsciente do universo em expansão permita que Eros exerça seu trabalho de ligação entre os vários tempos instituindo um eternamente jovem regido pela pulsão de vida, permitindo ao paciente que possa funcionar noutro fuso horário mental.

Torna-se possível que a experiência passada de nossos pacientes, quem sabe, seja recontextualizada no presente, de maneira tal que ele passe a operá-la a partir de uma paisagem mental diferente, resultando em novos comportamentos e experiências (Stern, 2000) entendendo que o tempo não é seu inimigo.

O fim do filme 2001- Uma odisséia no espaço mostra que somos o astronauta em busca do tempo, do infinito, do inconsciente. O personagem envelhecendo rápido, num fluxo de tempo estranho, cortado, vendo a si mesmo mais velho e, assim, tornando-se aquilo que via, progressivamente. E, como no início do filme, o misterioso monólito aparece. O irrepresentável, o incognoscível, o profundamente reprimido, o infinito.

O filme foi baseado no conto “Sentinela” de Arthur Clarke. No conto, Clarke diz que a quantidade de estrelas no céu é equivalente à quantidade de seres humanos que nasceram e morreram, então é possível que exista uma estrela para cada ser que existiu.

Isso nos conforta. E nos ajuda talvez no nosso ofício como analistas, lembrando-nos do que disse Van Gogh: não tenho certeza de nada, mas a visão das estrelas me faz sonhar.

O ser é tempo porque, ao incorporar o ser do outro, algo de novo acontece, e o tempo se movimenta. Do contrário, não seria tempo, mas vazio.

Cecília Meireles, com seu tempo poético, convida-nos a renovarmo-nos e renascermos em nós mesmos, para que sejamos sempre os mesmos; para que sejamos sempre outro. E dentro de tudo.

Juntando três gaúchos (o psicanalista Cyro Martins; o músico Vitor Ramil e a escritora Lya Luft), podemos dizer que o não saber é o que torna nossa vida possível e dá o gatilho da temporalidade. Se ter lucidez for o mesmo que andar, deveríamos – até o último pensamento e derradeiro olhar – transformarmo-nos. A fonte da juventude chama-se mudança.

Temas Sociais no foco na psicanálise

No primeiro semestre de 2014, a parceria SMED/SPPA dedicou-se à escrita a muitas mãos de um trabalho conjunto intitulado “Rodas de Conversa: entre a Educação e a Psicanálise”, apresentado no Congresso da Fepal em Buenos Aires, e que foi o resultado de vários encontros entre os grupos de assessoras da SMED (Secretaria Municipal de Educação) e o de psicanalistas da SPPA. No segundo momento, foi realizado o trabalho junto ao grupo de educadores que, como nas outras edições, teve uma alta frequência e bom aproveitamento dos participantes.

O grupo deseja prestar seu agradecimento ao consultor da parceria SMED/SPPA desde 2008, Jairo Araújo, por sua decisiva contribuição para o sucesso e continuidade da parceria. Em função de outras atividades profissionais, ele está se afastando da função de consultor, mas se mantém como uma referência para o grupo na sua dimensão interdisciplinar.

Desde meados de 2014, o projeto passou a contar com a participação da colega Luciana Secco e, no início de 2015, integraram-se mais três colegas: Carla Brunstein, David Bergmann e Suzana Fortes.

Em nível nacional, o destaque é o movimento coordenado pela Febrapsi que organizou em abril de 2015, na sede da SBPRJ - dentro das atividades preparatórias ao XXV Congresso “Sonho/ato: a representação e seus limites” -, o segundo encontro sobre psicanálise e responsabilidade social. Em um primeiro encontro também organizado pela Febrapsi e realizado em Porto Alegre em 2014, representantes de algumas federadas relataram projetos em andamento nesse território, no qual o psicanalista se volta em direção a experiências profissionais fora de seu consultório. Entre esses dois encontros, dentro de uma comissão criada pela Febrapsi e constituída por colegas de todo o Brasil, manteve-se a troca de ideias sobre essas experiências. A representante da SPPA, nessa comissão, é Joyce Goldstein.

No encontro do Rio de Janeiro os integrantes da mesa abordaram

temas diversos. Ao descrever as diretrizes do Ministério da Saúde sobre estratégias para os programas de políticas públicas na atenção à saúde, como por exemplo, no programa “consultórios de rua”, Marcelo Pedra Martins Machado, psicólogo, diretor de Assistência Básica, falou sobre uma demanda de parcerias entre instituições psicanalíticas e o Ministério com o objetivo de qualificar profissionais envolvidos em programas de atenção à saúde mental.

Paula Freitas (SBPSP), integrante do Centro de Atendimento Psicossocial (Caps) Itapeva, na cidade de São Paulo, descreveu sua experiência como participante de programas como as oficinas de ressocialização e geração de renda, onde pessoas com doenças de longa evolução têm acesso a formas de cultura e lazer além de realizar atividade profissionalizante.

Sergio Zaidhaft, psicanalista, Diretor de Graduação da Faculdade de Medicina da UFRJ e responsável pela reforma curricular do ensino médico nessa instituição, ao falar sobre a superespecialização dos profissionais de saúde, questionou o papel das instituições psicanalíticas nesse momento em que se discute a (re)humanização da Medicina.

Ao participar de equipes interdisciplinares que atendem problemas vividos no âmbito do sujeito social, o psicanalista se vê frente a novos desafios. Se por um lado verifica-se que existe um chamamento no sentido de que profissionais dessa natureza possam contribuir na compreensão da experiência emocional não elaborada e, portanto, potencialmente traumática, não há como ignorar certo desconforto quando a questão é definir o quê, e como fazer.

Em função destes questionamentos ficou confirmado um espaço de 2 horas por dia no próximo congresso da FEBRAPSÍ para um debate entre as federadas, a ser organizado pela comissão criada no encontro de Porto Alegre.

Site da SPPA tem versão em inglês e espanhol

Em novembro último, o site da SPPA passou a ser apresentado em duas outras versões (inglês e espanhol), além da tradicional apresentação em português, com o objetivo de divulgar ainda mais a psicanálise e a própria Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Os resultados desse investimento demonstraram um incremento no número de usuários estrangeiros que representavam cerca de 4,17% antes de novembro de 2014 e, hoje, cerca de 13,16%. Nos últimos seis meses foram 10.382 usuários conectados no site da SPPA.

Em parceria com a Comissão de Memória, já se encontra no site também a versão digital completa do livro “Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: 50 anos”.

A equipe do site é formada pelos colegas Ana Cristina Tofani, Elena Tomasel, Nyvia Oliveira Sousa, Rafaela Barreto Nunes (secretária da SPPA), sob a coordenação de Alfredo Cataldo Neto. E a equipe da Comissão de Memória conta com Edgar Chagas Diefenthaler (coordenador), Angela Mynarski Plass e Maria Regina Limeira Ortiz.



Atividades variadas solidificam propostas da SPPA

Seguindo na proposta de oferecer espaços de discussão da Psicanálise, tanto entre os membros da SPPA, quanto com a comunidade em geral, foram várias as atividades que a instituição realizou ao longo deste primeiro semestre.

Já tradicionais, as quintas-feiras na SPPA são palco de debates científicos em que a participação dos colegas tem sido cada vez maior e mais interessada. Nestes espaços: nas quintas-feiras Científicas, Metapsicológicas, Conceituais e Clínicas, busca-se debater o desenvolvimento das ideias na Psicanálise ao longo do tempo, levantando questionamentos e instigando o estudo de nossa disciplina em nossos colegas, buscando, desta forma, oferecer mais instrumentos para a realização do trabalho cotidiano.

Está em andamento mais uma edição do Ciclo de Estudos. Nesta atividade, a cada semestre, colegas da SPPA oferecem grupos de estudos destinados a estudantes de Medicina e Psicologia, assim como a profissionais dessas áreas interessados no conhecimento da Psicanálise. Através destes grupos oferece-se um estudo mais sistematizado de teorias psicanalíticas clássicas e atuais. Nesta edição do Ciclo fomos surpreendidos pelo interesse de profissionais de áreas não ligadas diretamente à Psicanálise em estudar nossa disciplina. A partir desta procura, montamos um grupo que visa oferecer conhecimentos básicos da teoria psicanalítica para aqueles que têm interesse em conhecer nossas ideias de forma mais sistematizada. Tem sido uma atividade gratificante que poderá manter-se ou

até mesmo ser ampliada em novas edições.

Novidade também tem sido o interesse de estudantes de Psicologia em conhecerem a Sede da SPPA e o funcionamento da formação em Psicanálise. A partir desta procura, iniciou-se o programa Portas Abertas, em que é possível agendar visitas de grupos de estudantes de Psicologia ou Medicina para um encontro com um Psicanalista que não só mostra as instalações como fala do ofício e das etapas necessárias para a formação em psicanálise.

Além destas, a entidade tem mantido participação em atividades da comunidade, debatendo temas que são de interesse cultural e social através do vértice da Psicanálise. Tradicionalmente a SPPA participa dos debates no Porto Alegre em Cena, coordena o Café Literário em parceria com a Livraria Saraiva do Shopping Moínhos e organiza atividades na Feira do Livro. Da mesma forma os colegas psicanalistas têm sido, cada vez mais, convidados a dar opinião em jornais e na televisão sobre situações que surgem no cotidiano da comunidade.

A partir de todas estas experiências, é possível perceber o interesse que a psicanálise desperta na comunidade em geral e, mais especificamente, entre aqueles que têm se dedicado a estudar o psiquismo humano. Através de um trabalho consistente ao longo do tempo, percebe-se a vitalidade da Psicanálise em nosso meio e a possibilidade de ampliar nossa participação oferecendo um vértice para pensar o humano e seus fenômenos e esperamos dar nossa contribuição para o desenvolvimento de um mundo mais sustentável e, portanto, humanizado.



Em abril, os convidados debateram "A gênese de um Escritor numa Casa do Bom Fim"



Café Literário da Psicanálise, em maio, tratou do tema "Philip Roth: a palavra e a carne"



Em junho, o tema foi Os Super-heróis

Encontro reúne Grupos do Interior

Em junho último, aconteceu, na sede da sociedade, o "IV Encontro dos Grupos do Interior da SPPA". Além de ter sido um convívio agradável, foi um encontro muito frutífero. O tema deste ano foi "O Psicoterapeuta e a Instituição de Formação no Interior: Reflexões".

O programa iniciou com duas breves apresentações que serviram de estímulo aos debates. O primeiro sobre "A formação do psicoterapeuta", com Maria Luiza Santos de Oliveira, e o segundo "A instituição - 4º vértice", com Anette Blaya Luz.

Após, os participantes dividiram-se para uma reflexão em pequenos grupos, contando com a participação dos colegas coordenadores de gru-



pos do interior. Foram eles: Carmem Keidann, Carlos Augusto Ferrari, Heloisa Tonetto, Gisha Brodacz e Alfredo Cataldo Neto.

Após o *coffee break*, foram apresentados os relatórios de cada grupo. Em seguida, passou-se para o exercício clínico realizado com material oferecido por um colega do interior. Essa atividade foi coordenada por Paulo Henrique Favalli.

Estavam presentes integrantes dos grupos de Passo Fundo, Santa Maria, Farroupilha, Carlos Barbosa, Caxias e o mais novo integrante, Lagoa Vermelha.



Liliana Soibelman*

Super-Heróis revisitados

O sociólogo Nildo Vianna diz que as histórias em quadrinhos (HQs) são menosprezadas por muitos estudiosos, que as consideram uma forma de expressão da cultura inferior, para um público de massa, amorfa, acrítica e infantil. A causa seria o contexto cultural racionalista contemporâneo, que costuma desvalorizar a imaginação, a fantasia, e o inconsciente. Hoje valoriza-se mais o que é ligado à razão, o que é instrumental. Cita Umberto Eco, que também salientou a necessidade do público culto oferecer tanta atenção às HQs, quanto às óperas, para que se possa estudá-las sem preconceito.

No dia a dia do trabalho com crianças e adolescentes, não escolhemos se o paciente traz um sonho, se faz um desenho, conversa ou brinca. Do mesmo modo, podemos aplicar o referencial psicanalítico no entendimento do conteúdo das histórias independentemente do gênero literário.

As HQs surgiram nos Estados Unidos, entre o final do século XIX e início do século XX. Frente ao crescente nazifascismo, mesmo antes dos Estados Unidos entrarem na II Guerra, Joe Simon e Jack Kirby criaram o Capitão América, com seu uniforme nas cores da bandeira americana. Na capa da primeira revista, o Capitão América aparecia espancando Hitler. Os cartunistas disseram que o vilão era perfeito, nem precisaram inventá-lo. Sem dúvida a criação deste herói foi uma tentativa de lidar com a angústia e o desamparo.

Após o término da guerra, devido a dificuldades financeiras das companhias, os quadrinhos passaram por uma grande crise. Foram criticados por conservadores, como se fossem danosos às crianças e aos jovens. Frederich Wertanm lançou um livro chamado "A sedução dos inocentes", que precipitou a censura das HQs, sendo estas liberadas somente a partir de 1971. As HQs possuem recursos específicos, que as diferenciam da literatura convencional. O conteúdo no caso dos super-heróis é de ficção e aventura, da luta do bem contra o mal.

A partir dos anos 80, os heróis ganharam complexidade, passaram a expressar conflitos e personalidades problemáticas. Tornaram-se, assim, mais parecidos com os humanos, privilegiando o público adulto. Freud estudou os sonhos e os Mitos, que são fenômenos universais e têm em comum a linguagem simbólica, expressão da imaginação. Uma imagem simbólica pode traduzir sentimentos de difícil descrição verbal, em um instante.

O Mito retrata um acontecimento dramático, algo impossível de ocorrer em um mundo governado pelas leis do tempo e do espaço. O super-herói voa, contraria as leis da gravidade, morre e ressuscita, e, no fim, sempre vence o mal. Compreender as crianças sem compreender a linguagem simbólica é impossível, pois ela está no brinquedo, no sonho, nas histórias, no desenho. Freud (1939) descreveu o Mito do Herói relacionando-o à "novela familiar" que são fantasias das crianças na idade da latência.

"O Herói é geralmente de origem nobre, sua concepção foi precedida por dificuldades. Durante a gravidez há uma profecia que alerta para os perigos de seu nascimento, que ameaça a vida do pai. Via de regra, a criança é abandonada às águas, num cesto, por ordem do pai ou de algum representante seu. Após ter crescido, redescobre suas origens... O abandono num cesto é uma representação simbólica do nascimento...

Na verdade, a fonte de toda esta ficção poética é a novela familiar de uma criança, na qual o filho reage a uma mudança em sua relação emocional com os pais. Pela supervalorização dos pais na primeira infância, reis e rainhas representam os pais nos sonhos e contos de fadas. Mais tarde, devido ao desapontamento causado pela realidade, a criança começa a desligar-se deles e a adotar uma atitude crítica para com o pai. Assim, ambas as famílias do mito, a aristocrática e a humilde, são reflexos da família da criança, tal como aparece nos sucessivos períodos de sua vida."

Podemos reconhecer tais aspectos nas vidas dos personagens de HQs, geralmente órfãos e adotados por famílias comuns. Super-Homem veio de Krypton, em uma cápsula, e foi resgatado e criado por pais adotivos. O Homem-Aranha (Peter Parker) também órfão, foi criado pelos tios. Batman (Bruce Wayne) assistiu a morte de seus pais, que eram milionários e passou a ser criado pelo mordomo Alfred.

A vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela precisa se entender e aprender a lidar com o mundo complexo. Necessita de ideias de como colocar em ordem seu interior, como colocar ordem nesta vida. A Psicanálise nos ajudou a compreender que a fonte das histórias, dos Mitos, dos Sonhos é o nosso interior, nossas emoções, desejos, conflitos.

Como lidar com os perigos e crescer a salvo? Como lidar com a morte, o envelhecimento, os limites da nossa existência e o desejo de ter uma vida eterna? O medo da morte dos pais angustia muito as crianças.

O mal é tão onipresente quanto o bem e recebe corpo nos vilões das histórias. As crianças sabem que não são sempre boas e, muitas vezes, preferem não ser. Isto contradiz o que os pais desejam e lhes dizem, e faz com que elas se sintam culpadas. A cultura dominante prefere fingir que o lado escuro do homem não existe, principalmente no que diz respeito às crianças. Tal dualidade as coloca em conflito e diante da necessidade solucioná-lo. A moral da história é que o herói sempre vence no final, sendo mais atraente para a criança, que se identifica com suas lutas.

Peller (1958), sobre a função da literatura e dos devaneios na idade escolar, diz que encontrar o próprio sonho diurno dentro de uma história, multiplica a possibilidade de relaxamento, a criança pode ter prazer com a sua própria fantasia, sem ter sentimentos de culpa, vergonha ou reprovação, já que a fantasia que guiou a atenção da criança para a história permanece secreta. A história precisa estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações, reconhecer suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas. Lidando com problemas universais, essas histórias falam à criança aliviam pressões internas, pois mostram caminhos aceitáveis para a satisfação dos impulsos agressivos e sexuais.

A mensagem seria: uma luta contra as dificuldades da vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas se a pessoa não se intimidar e enfrentar de modo firme as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (Bettelheim)

A psicanálise foi criada para capacitar a pessoa a aceitar a natureza problemática da vida, sem ser derrotada por ela, ou levada ao escapismo. A prescrição de Freud é de que só lutando corajosamente poderemos dar sentido à vida.

*Psiquiatra. Membro Aspirante da SPPA

Sobre correspondências e elaborações

Artigo



Ingeborg Bornholdt*

Em torno de 300 documentos compostos por pequenas notas/mensagens, cartões, telegramas, "vale-presentes" até cartas extensas e verdadeiros tratados teórico-técnicos formam uma coletânea cuidadosamente reunida em livro.¹ Trata-se da correspondência entre pai e filha ao longo de 34 anos. Inicia quando a filha tem 9 anos e se estende até a morte do pai. O tom afetivo é profundo e comovente e atravessa as mais diferentes vicissitudes ao longo da vida. Brincam com refinado humor e validam assuntos de toda ordem pela seriedade e atenção recíprocas.

De um lado, está Sigmund Freud, fundador de uma nova ciência, a quem gostamos de nos referir como "o pai da psicanálise" e, de outro, sua filha caçula Anna Freud, uma das pioneiras da psicanálise de crianças.

Um pequeno exemplo de documentos: Ernst, neto de Freud, escreve que sua tia Anna mostrou-lhe com "humor moleque" e usando massas de modelar, remodeláveis inúmeras vezes, que é assim com "pessoas de carne e osso". Elas podem se "reinventar". Freud pai observa Anna e escreve a Lou Salomé: "minha filha se tornou uma pessoa eficiente e autônoma, capaz de compreender coisas que apenas confundem os outros... tem uma grande capacidade para perceber a alma infantil".

Anna criança, de um local de férias, escreve ao pai em tom firme: "querido papai", registra suas queixas de precisar usar sapatos o dia todo e do tratamento diferenciado com meninas e meninos naquele lugar. Acrescenta: "... também quero andar a cavalo e jogar tarô". No lugar de "tua Anna" ou "com amor, Anna...", como costuma escrever, apenas assina "Anna". As cartas do pai eram assinadas por "dein Papa" (teu papai) ou ainda, "dein Vater" (teu pai).

Na adolescência e novamente em período de férias, Anna descreve sentimentos depressivos e os denomina "aquilo". O pai responde que a achou "um pouco tolinha", que o "excesso passional" a impedia de "experimentar a alegria e o prazer" e, que ela deveria aprender a ser mais "preguiçosa".

O pai tornou-se reservado com a escolha profissional da filha de ser professora. Ainda, quando Anna, aos 24 anos, é aprovada em sua prova final, Freud a felicita. Escreve-lhe: "tu és diferente de Math e Soph, tens mais interesses intelectuais...". Acrescenta: "...mas de forma geral haverás de descobrir que tuas irmãs trilharam o caminho certo".

O interesse da filha pela psicanálise é crescente. Torna-se assistente do pai, traduz textos alemão/inglês, assiste às conferências de Freud e, finalmente, participa do Congresso de Budapeste como ouvinte. O pai lhe escreve: "sofrerás um pouco no início...". Depois deste congresso, Anna inicia sua análise com o pai.

Segue-se um período de considerável diminuição da correspondência

e após este, Lou Salomé registra: "Anna teve uma sorte rara formando um amálgama da ligação paterna com seu ego ambicioso." Novamente segue uma intensa correspondência entre pai e filha. Ambos viajavam muito e se escreviam sobre a natureza: luz, silêncio, florestas, ar puro, cogumelos e assim por diante; sobre amigos e familiares, pessoas novas que conheciam; sobre antiquários; as reuniões das quartas feiras; trabalhos que estavam sendo desenvolvidos por Freud e/ou pela filha; saúde e doença, morte, angústias, dúvidas, alegrias, tristezas, desânimos; a perda prematura da filha e irmã Sophie, a guerra e a saída da Berggasse em Viena onde ambos tinham seus consultórios e pacientes em análise.

Gradativamente, com a evolução do câncer do pai, a relação de cuidado começa a se inverter. Anna cuida dele com "objetividade e discrição". De Londres no final de sua vida, o pai escreve a seu amigo Stefan Zweig que fora "extraordinariamente feliz" no seu "lar com mulher e filhos" e, principalmente, com uma "filha que de maneira rara satisfaz todas as exigências de um pai". Quando Sigmund Freud morre, Anna escreve: "é curioso... não consigo ficar triste... ficar enlutada pelo fato dele ter morrido ... é possível que minha ligação com ele seja simplesmente mais profunda do que a separação."

Há um indissolúvel entrelaçamento de Sigmund Freud com a teoria psicanalítica. O livro todavia, descortina também o cenário indistinguível de pai e filha.

O diálogo entre estes dois interlocutores evidencia os atributos únicos de cada um, bem como, as condições de retroalimentação na geração de conhecimentos de ambos. Revela grandes capacidades de transformação de ambos nas esferas de suas vidas privadas e profissionais. Atravessaram juntos os ciclos de dependências e suas elaborações. O pai cuidador de sua filha criança, adolescente, jovem adulta, analisanda, colega, mestre, também pode transitar e aceitar os

cuidados e a dependência da filha à medida em que a saúde debilitava e a idade avançava.

São gigantes humanos à medida em que ambos nos revelam grande capacidade de escuta. Ambos toleravam dúvidas provisórias e se ajudavam no enfrentamento de realidades internas e externas. Souberam gerar transformações de relações íntimas e pessoais em épocas nas quais as cartas eram escritas e postadas em correios levando dias para chegar ao seu destino. Evidencia-se que eram lidas, processadas e respondidas. É um documentário inspirador para a vasta dimensão de conhecimentos humanos e científicos que pode ser mais e mais desenvolvido pelas condições de reflexão e da fala com o outro.

Um pequeno exemplo de documentos: Ernst, neto de Freud, escreve que sua tia Anna mostrou-lhe com "humor moleque" e usando massas de modelar, remodeláveis inúmeras vezes, que é assim com "pessoas de carne e osso".

¹ Sigmund Freud correspondência Anna Freud, L&PM editores, 2008

*Psicanalista. Membro Efetivo da SPPA



Diretoria da SPPA com o convidado Sérgio Besserman (ao centro): Ivan Sérgio Cunha Fetter, Viviane Sprinz Mondzák, Regina Pereira Klarmann, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Anette Blaya Luz, Maria Lucrécia Zavaschi, Maria Elisabeth Cimenti e Emilio Salle.

Aula Inaugural de 2015

Através da conferência A Sustentabilidade do Humano, o conhecido ambientalista e economista Sérgio Besserman Vianna estimulou a plateia que lotou o auditório no dia 12 de março, inaugurando o Ano Científico da SPPA. Os desafios que a humanidade enfrenta para conciliar o acelerado aumento da população no planeta - que vem gerando uma demanda sem precedentes no desenvolvimento econômico e social - com a preservação dos

recursos existentes na natureza, foi uma discussão realizada com maestria pelo convidado. Ao final, ficamos sabendo que nossa ilusão de onipotência nos leva a acreditar que nós promovemos a destruição do planeta e, portanto, com os devidos cuidados, poderíamos sustar esse processo. Ele disse que isso depende menos de nós do que gostaríamos! O que não invalida nosso cuidado, mas também não nos salva da destruição.

Primeiro Encontro Preparatório para o Congresso da FEBRAPS

Em continuidade à programação científica, nos dias 10 e 11 de abril a SPPA realizou, em conjunto com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), o primeiro Encontro Preparatório para o Congresso da FEBRAPS. Na abertura, o tema do evento foi O fracasso do sonho e a cultura do ato, com a presença do psicanalista Daniel Delouya, diretor científico do Congresso e foi feita a leitura do trabalho de Cláudio Eizirik. A presença interessada de colegas da Brasileira, associada à

importância do tema, estimulou o debate. A incapacidade atual de sonhar e a comunicação através de atos foram amplamente discutidas. No dia seguinte, na sede da SBPdePA o tema A construção da representação: caminhos e des-caminhos, foi apresentado por Loeres Meller e Daniel Delouya. O percurso para a construção da representação e seus limites foi extensamente aprofundado. A participação significativa de colegas demonstrou o interesse pelo tema bem como pelo congresso próximo.

SPPA recebe Giuseppe Civitaresé

Psicanálise Pós-Bioniana por Giuseppe Civitaresé é a atividade que será realizada nos dias 20, 21 e 22 de agosto, com o psiquiatra e psicanalista Membro Didata da Sociedade Psicanalítica Italiana e Diretor da Rivista di Psicoanalisi. Civitaresé é profundo conhecedor do pensamento de Freud e faz uma leitura pessoal e apaixonada da obra de Bion, sendo autor de inúmeras publicações. Dedicar-se especialmente ao estudo das áreas do funcionamento mental primitivo e, nesse sentido, revela uma escrita sensível e poética na abordagem tanto da teoria quanto da clínica. "A expansão do campo analítico", "O Inconsciente inacessível e a reverie como um caminho para a figurabilidade" e "Cesura como o Discurso do método de Bion", serão temas introduzidos por nosso convidado e enriquecidos com comentários dos colegas Juarez Cruz, Ruggero Levy e Raul Hartke. Preparando este encontro, foi realizado no dia 9 de julho um debate com os colegas Aldo Duarte, Antônio Carlos Pires e Jussara Dal'Zot a respeito desses trabalhos.



Conheça mais sobre a SPPA, os seus membros e a psicanálise visitando a homepage: www.sppa.org.br.